

CONSTITUINTES PROSÓDICOS E HIPOSEGMENTAÇÃO NA ESCRITA INFANTIL

Micheline Cruz REIS¹

RESUMO

A pesquisa teve como proposta investigar vínculos entre constituintes prosódicos e hipossegmentações na escrita de sujeitos que freqüentavam a Educação Infantil. Para tanto, foram selecionadas ocorrências de hipossegmentação extraídas de uma produção textual, desenvolvida em contexto escolar por 12 sujeitos do terceiro ano dessa modalidade de escolarização. Nessas ocorrências, procurou-se observar: (1) se as estruturas hipossegmentadas correspondiam a constituintes prosódicos; (2) no caso de resposta afirmativa, a qual ou quais dos constituintes essas estruturas remetiam. Constatamos que todas as ocorrências de hipossegmentação, num total de 42, vinculavam-se diretamente a constituintes prosódicos do Português Brasileiro. Desse total, 14 (33,33%) corresponderam a Frases Fonológicas; 14 (33,33%) a mesclas de constituintes; 08 (19,05%) a Enunciados Fonológicos; e 06 (14,29%) a Frases Entonacionais. Subsídios teóricos provenientes de teorias fonológicas, bem como de teorias sobre o letramento, foram mobilizados para a análise dos dados.

Palavras chave: aquisição da escrita; prosódia; convenções ortográficas; oralidade; letramento.

Introdução e Justificativa

O que se propõe neste artigo é uma ampliação de conhecimentos sobre a aquisição de escrita com ênfase em um aspecto até o presente momento ainda não estudado nas pesquisas do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a linguagem* (CNPq), ao qual somos vinculados. Destaque-se, a esse respeito, que, até o presente momento, as pesquisas do Grupo voltaram-se exclusivamente para questões de escrita de estudantes do Ensino Fundamental. Nossa proposta visa, antes, o estudo de marcas da construção da escrita por parte de crianças que freqüentam o terceiro ano da Educação Infantil, etapa que imediatamente antecede o ingresso das crianças na primeira série do Ensino Fundamental.

Como recorte, trata-se de observar, na construção da escrita, marcas da inserção do sujeito escrevente em práticas orais e letradas constitutivas de seu aprendizado institucional da escrita. Privilegiamos marcas que envolvem a atribuição de espaços em branco na escrita, mais especificamente aquelas envolvidas na delimitação de palavras.

Essas marcas serão vistas relativamente ao entrecruzamento entre o componente prosódico da língua e as convenções ortográficas, já que trabalhos como os de Chacon (2004b e 2005), Capristano (2004) e Tenani (2005), que se voltaram para dados de estudantes do ensino fundamental e para dados de adultos em processo de aquisição da

¹ Bolsa PIBIC/CNPq – 4º ano de Fonoaudiologia – Lourenço Chacon – UNESP – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências – 17525-900 – Marília – SP. E-mail: michelincruz@gmail.com

escrita, têm mostrado fortes vínculos entre segmentações diferentes daquelas previstas pelas convenções ortográficas e constituintes prosódicos da língua.

Para o desenvolvimento de nosso estudo, no que se refere ao aspecto prosódico, tomaremos como base o modelo desse componente da gramática proposto por Nespor & Vogel (1986). A fonologia prosódica é uma teoria do modo como o fluxo da fala seria organizado num conjunto finito de unidades fonológicas, além de ser, também, uma teoria das interações, ou seja, das relações de interface entre a fonologia e outros componentes da gramática, mediadas pela prosódia. Em 1986, Marina Nespor e Irene Vogel publicaram *Prosodic phonology*, estudo que veio esclarecer e organizar os problemas postos pela importância que assumem os traços prosódicos no funcionamento das línguas. Reconhecendo que esses traços agrupam os segmentos nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico com referência às características rítmicas e de significado das línguas, propuseram a existência de constituintes prosódicos hierarquicamente relacionados que permitem estabelecer padrões prosódicos das línguas, compará-las e objetivamente analisá-las.

De acordo com essa hierarquia, os constituintes prosódicos são em número de sete e obedecem à seguinte hierarquia, de menor a maior: sílaba (σ), pé (Σ), palavra fonológica (ω), grupo clítico (C), frase fonológica (φ), frase entonacional (I) e enunciado fonológico (U). Para as autoras, nem todas as línguas possuem todos os níveis dessa hierarquia prosódica.

Adaptando o modelo proposto por Nespor & Vogel para o português, Bisol (2001) representa essa hierarquia da seguinte maneira:

U enunciado
I frase entonacional
 φ frase fonológica
C grupo clítico
 ω palavra fonológica
 Σ pé
 σ sílaba

Passemos a uma breve caracterização de cada um desses constituintes:

Sílaba (σ): é a base da hierarquia prosódica, sendo a palavra fonológica o seu domínio, ainda que intermediada pelo pé métrico.

Ela é uma unidade prosódica que, obedecendo à regra geral de todo constituinte, também possui uma cabeça, ou seja, um elemento dominante que, em Português, é sempre uma vogal, devido a esta ser o elemento de maior energia acústica (maior sonoridade), e elementos dominados por essa cabeça, a saber, as consoantes ou os *glides* (semivogais) que a permeiam.

Pé Métrico (Σ): é a combinação de duas ou mais sílabas estabelecendo uma relação de dominância, de modo que uma seja forte (cabeça) e venha acompanhada de sílabas significativamente fracas (dominadas).

Esse constituinte é de extrema importância para a atribuição do acento, pois, de acordo com o pé, são determinadas as posições de sílabas acentuadas e não-acentuadas no interior de palavras.

Palavra Fonológica (ω): é a categoria que domina o pé, de modo que todos os pés de uma sequência devem ser agrupados em uma palavra fonológica, sendo que um desses pés será relativamente mais forte do que os demais que com ele compõem uma palavra fonológica. Nesse pé se localizará o acento primário da palavra.

A palavra fonológica representa uma interação entre os componentes fonológico e morfológico da gramática, diferente dos constituintes menores, que apresentam em sua constituição apenas informação fonológica.

Grupo Clítico (C): é a unidade prosódica que admite um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo. Prosodicamente, os clíticos são monossílabos que não recebem acento.

Frase Fonológica (Φ): é a unidade prosódica constituída por um ou mais grupos clíticos ou palavras fonológicas, e que integra informação fonológica e informação sintática.

O seu domínio consiste de uma cabeça lexical (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio) e todos os elementos relacionados a ela que estiverem do seu lado não-recursivo (no caso do Português Brasileiro, o lado esquerdo).

A Frase Fonológica admite reestruturação. É considerada reestruturada quando é constituída de duas frases fonológicas que apresentam relação de complementaridade, ou seja, em duas frases que se relacionam, a frase mais à direita complementa (sintática e/ou prosodicamente) a anterior.

Frase Entonacional (I): é o agrupamento de uma ou mais frases fonológicas dominadas por um contorno entonacional geralmente delimitado por pausas. Também na frase entonacional existe integração entre informações fonológicas e informações de outros componentes da gramática, especialmente o sintático e o semântico.

Enunciado Fonológico (U): é o constituinte mais alto da hierarquia prosódica. Também geralmente delimitado por pausas, esse constituinte corresponde a uma estrutura oracional completa, na qual informações fonológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas se integram.

Buscando, pois, investigar se já na série final da educação infantil as crianças fazem registros de segmentação que podem remeter a constituintes dessa hierarquia, acreditamos que nossa proposta se justifica na medida em que, num plano mais teórico: (1) poderá fornecer elementos que possibilitem melhor compreensão do funcionamento da linguagem e (2) poderá fornecer elementos que abram perspectivas de mais compreensão sobre o processo convencionalmente chamado de aquisição da escrita.

Além desse tipo de contribuição, num plano que envolve o trabalho com a aquisição da escrita, a presente pesquisa poderá contribuir para as reflexões teóricas e para a atividade profissional de alfabetizadores e de fonoaudiólogos, já que, sob enfoques diferentes, esses diferentes profissionais são mediadores das relações entre a criança e a escrita.

Metodologia

Como fonte, utilizamos dados extraídos de textos produzidos – em contexto escolar – por 12 crianças de ambos os sexos (seis meninos e seis meninas), do terceiro ano do Ensino Infantil, com faixa etária entre cinco e seis anos.

Esses textos foram produzidos entre os meses de Março a Novembro de 2005. Trata-se das avaliações aplicadas mensalmente pelas professoras responsáveis por salas de Pré III, por desígnio da Prefeitura de Marília, a fim de verificar em qual das etapas do processo de alfabetização, tal como proposto por Ferreiro e Teberosky (1985), encontram-se as crianças da rede municipal de Ensino. Nessas avaliações, são usados textos que apresentam parlendas, poemas e canções infantis.

Os textos selecionados responderam a propostas textuais norteadas por diretrizes da Secretaria Municipal de Educação de Marília e/ou previamente estabelecidas pelo conjunto de professores da escola em que foi desenvolvida a coleta. Portanto, em respeito a esses procedimentos da Secretaria e da escola, o pesquisador não interferiu no

tipo de atividade textual que os professores desenvolveram com os sujeitos em sala de aula.

Em princípio, pensávamos em desenvolver um trabalho longitudinal, envolvendo as 15 propostas de produção textual a que tivemos acesso. No entanto, optamos trabalhar com apenas uma dessas atividades, pelo fato de ter sido a única a favorecer uma produção textual sem uma repetição exata do que era apresentado como proposta para as crianças – como ocorreu com os textos de parlendas, poemas e canções. Com esse recorte, além de trabalharmos com uma quantidade menor de dados para organizar, pudemos ter acesso também a uma elaboração textual mais singular das crianças, singularidade não detectada nas demais propostas, dado seu caráter de reprodução.

A atividade de escrita escolhida teve como proposta a descrição de características de uma personagem do folclore brasileiro: o Saci.

Em cada um dos doze textos foram extraídas as ocorrências de hipossegmentações. Em seguida, cada uma delas foi caracterizada conforme sua estrutura obedecesse, ou não, ao algoritmo que define os constituintes prosódicos do componente fonológico da gramática. Para identificar a relação entre as estruturas hipossegmentadas das crianças e pelo menos algum constituinte prosódico, baseamos-nos em Nespor & Vogel (1986), que criaram um modelo da organização da gramática, definindo as características de cada constituinte dessa organização, conforme citado anteriormente.

Resultados

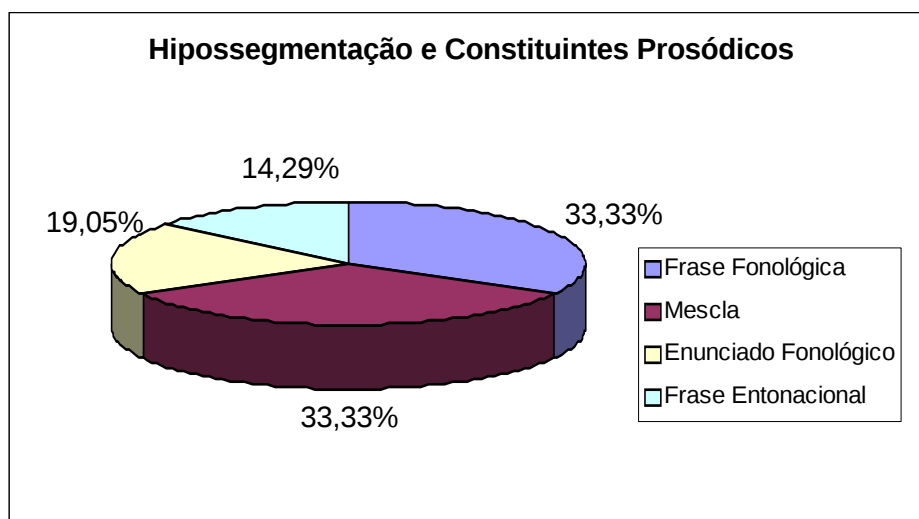
Como resultado, verificamos, todas as 42 ocorrências de hipossegmentações (100%) apresentaram vínculos com constituintes prosódicos. Desse total, 14 ocorrências (33,33%) de hipossegmentação corresponderam ao constituinte Frase Fonológica (Φ), sendo 7 delas preenchidas com apenas um grupo clítico; 14 (33,33%) ocorrências indicaram mescla (M) de pelo menos dois constituintes prosódicos; 08 (19,05%) ocorrências corresponderam ao constituinte Enunciado Fonológico (U); e 06 ocorrências (14,29%) corresponderam ao constituinte Frase Entonacional (I).

Seguem-se, na Tabela 1 e no Gráfico 1, duas formas de visualização desses dados:

Φ	I	U	Mescla	Total
14 (33,33%)	06 (14,29%)	08 (19,05%)	14 (33,33%)	42 (100%)

Tabela 1: Distribuição das ocorrências de hipossegmentações de acordo com seu vínculo com constituintes prosódicos.

Gráfico 1: Distribuição do percentual entre hipossegmentações e constituintes prosódicos.



Abaixo são dispostos exemplos de hipossegmentação envolvendo cada constituinte prosódico encontrado no estudo. Iniciaremos com dados que mobilizam a **Frase Fonológica (Φ)**, devido a sua prevalência.

Como vimos anteriormente, a Frase Fonológica congrega um ou mais grupos clíticos. É constituída de uma palavra lexical (substantivo, adjetivo, verbo, advérbio) antecedida de seus modificadores. Vimos também que esse constituinte admite reestruturação; neste caso, duas frases fonológicas que apresentam relação de transitividade, desde que a frase da direita não seja ramificada, podem se fundir. Seguem-se exemplos de frases fonológicas simples e, em seguida, reestruturadas:

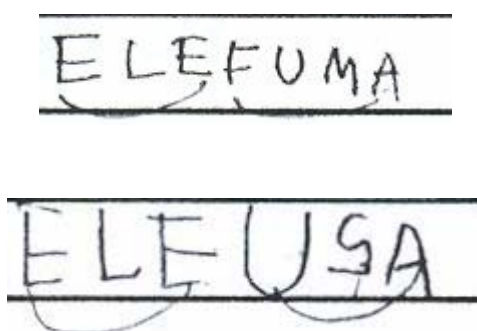
NASMATAS
NACABESA
 cabeça 2

² Nesta e nas demais ocorrências a seguir, como o leitor verá, abaixo da escrita da criança há também a escrita da professora da sala, estabelecendo correspondência com a escrita ainda não-convencional da criança. A escrita da professora traduz o modo como a criança leu seus enunciados para ela, indicando quais seqüências de letras correspondem a quais palavras da língua.

No primeiro trecho (“nas matas”), podemos observar um Grupo Clítico composto pela contração “em+as”, que prosodicamente funciona como um clítico, e o substantivo “matas”, ou seja, um cabeça lexical, no qual o clítico se apóia. No segundo trecho (“na cabeça”), observamos outro Grupo Clítico formado pela contração “em+a”, que prosodicamente também funciona como um clítico, e o substantivo “cabeça”, ou seja, um cabeça lexical, no qual o clítico se apóia.

A criança, ao escrever estes trechos, sem separá-los por meio de espaços em branco, faz uma hipossegmentação correspondendo a duas frases fonológicas preenchidas com apenas um grupo clítico.

Adicionalmente, a frase fonológica também pode sofrer reestruturação, e será considerada como tal quando for constituída de duas frases fonológicas que possuam alguma relação de transitividade, sendo a da direita não ramificada. Seguem abaixo dois exemplos de frase fonológica reestruturada:



Nos trechos acima, “ELE FUMA” e “ELE USA”, temos um pronome pessoal do caso reto, funcionando como cabeça lexical e, conseqüentemente, como uma frase fonológica, seguido dos verbos “fuma” e “usa”, funcionando também como cabeças lexicais, e também conseqüentemente como outras duas frases fonológicas, cada um em uma sentença. Como estão em relação de complementaridade, temos um ambiente prosódico propício para uma reestruturação.

Com essa reestruturação faz-se uma nova atribuição de acento, de tal modo que ele coincida com o elemento mais à direita da reestruturação.

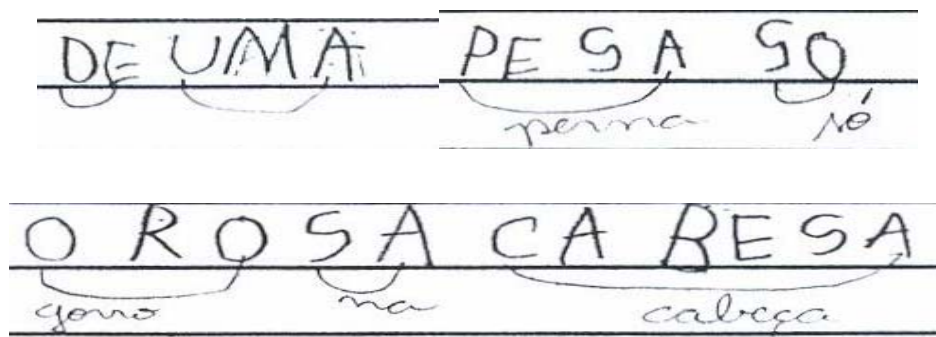
Uma das hipóteses para que a criança tenha feito a reestruturação pode ser o acento, uma vez que, na fala, muitas vezes as palavras são ditas em “blocos”. Sendo assim, a criança pode ter incorporado este padrão que ocorre na fala em sua escrita. Por outro lado, nas junções “ELE FUMA” e “ELE USA”, podemos supor que a criança

esteja se aproximando do nível da palavra, uma vez que os pronomes e as preposições, por exemplo, são palavras que, por nem sempre receberem acento na fala, acabam por se juntar a outras palavras nos enunciados falados como se fossem sílabas de palavras. Assim, fica mais difícil perceber prosodicamente pronomes isolados como palavras.

Passemos, agora, à apresentação dos exemplos de hipossegmentação que mobilizam o que chamamos de **mesclas** de constituintes, devido ao fato de as mesclas terem ocorrido com mesmo percentual da frase fonológica em nossos dados.

A mescla é um amálgama entre dois ou mais constituintes prosódicos, que parecem estar em ação numa mesma estrutura hipossegmentada.

Seguem abaixo exemplos envolvendo mesclas de constituintes:



No primeiro trecho, ao hipossegmentar “DEUMA”, o sujeito une dois clíticos [de] e [uma] que integram a frase fonológica reestruturada “DEUMA PESA SO” (*de uma perna só*). Mas, ao mesmo tempo em que esta junção indicia a percepção da criança em relação à frase fonológica reestruturada, os espaços em branco no interior dessa frase fonológica indicam também a percepção de duas palavras fonológicas, a saber, “perna” e “só”.

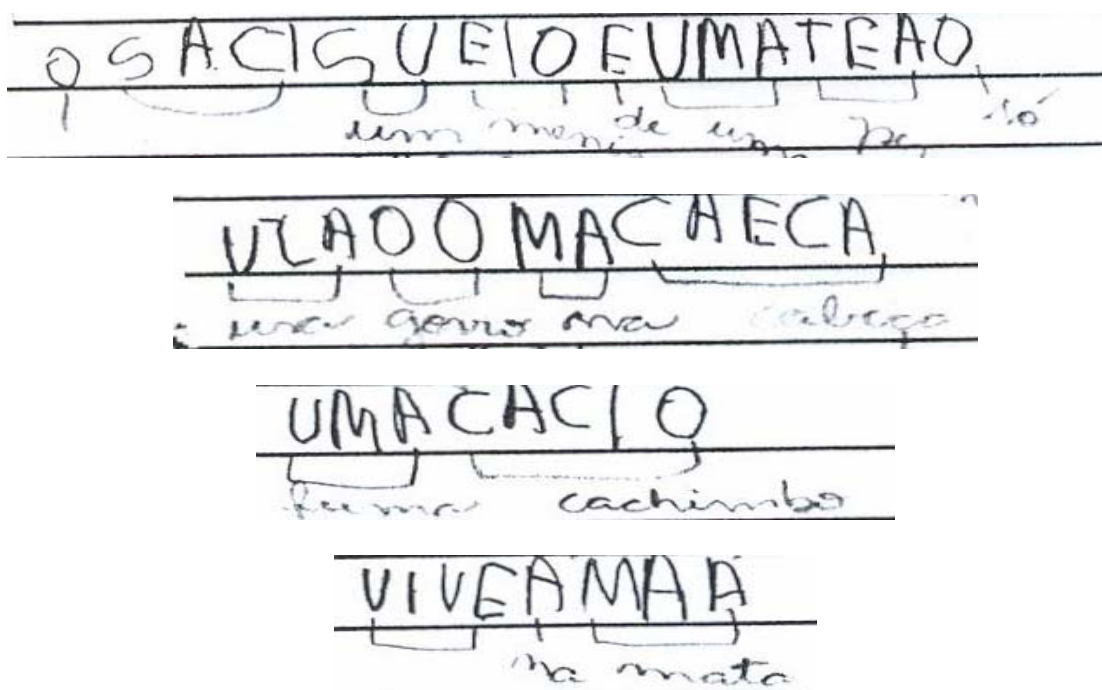
No segundo trecho, “O ROSA CA BESA” (*gorro na cabeça*), a junção entre RO e SA (*rrona*) indicia a percepção da criança de uma categoria prosódica maior, que englobaria esses dois trechos. Mais uma vez, trata-se de uma frase fonológica reestruturada (*gorro na cabeça*). No entanto, há separações no interior dessa estrutura, que apontam para a percepção de outras estruturas prosódicas: as sílabas O (*go*) e CA e os pés ROSA (*rrona*) e BESA (*beça*).

Portanto, nesses dois exemplos de mesclas, é possível perceber que, muitas vezes, as segmentações não-convencionais criam estruturas nas quais diferentes constituintes prosódicos podem ser recuperados.

Passemos, a seguir, à disposição dos dados que envolvem o **Enunciado Fonológico (U)**, segundo mais freqüente.

Como descrito anteriormente, o Enunciado Fonológico (U) é o constituinte mais alto na hierarquia prosódica. Ele é delimitado pelo começo e fim do constituinte sintático X. Os Us são identificados pelos limites sintáticos e pela pausa inerente a seu final.

É o que podemos verificar nos exemplos abaixo:



Como se vê, em todas as ocorrências acima, a criança baseia-se no início e no final de um enunciado (sintático e fonológico). A criança parece, então, não perceber que existe segmentação entre as palavras, segmentações estas demarcadas por espaços em branco ou pontuação, por exemplo.

Fato interessante a ser destacado a respeito dessas quatro estruturas é o de que o reconhecimento delas como enunciados fonológicos se deve à maneira como elas são dispostas graficamente no texto da criança, como veremos a seguir.

Segue abaixo o texto na íntegra:

PROFª _____ DATA 57 /2005

ALUNO(A) _____

TEX DESCRITIVO:

OSACIGUEIODEUMATEAO
um monte de uma planta

VLADOMACAECA
um gomo mas cabega

UMACACTO
uma cachimbo

VIVEAMAA
na mata

() PRÉ SILÁBICO (x) SILÁBICO () SILÁBICO ALFABÉTICO () ALFABÉTICO

Conseqüentemente, é uma combinação entre características fonológicas, sintáticas e gráficas que permite a interpretação das estruturas prosódicas como enunciados fonológicos.

Passemos, por fim, a apresentação dos dados que envolvem a **Frase Entonacional (I)**, que teve a menor prevalência em nossos dados.

Como visto, a frase entonacional agrupa uma ou mais frases fonológicas dominadas por um contorno entonacional característico. Os seus limites coincidem com posições nas quais pausas podem ser introduzidas em uma sentença.

Esse fato pode ser verificado no exemplo a seguir:

FUMACACHIMBO

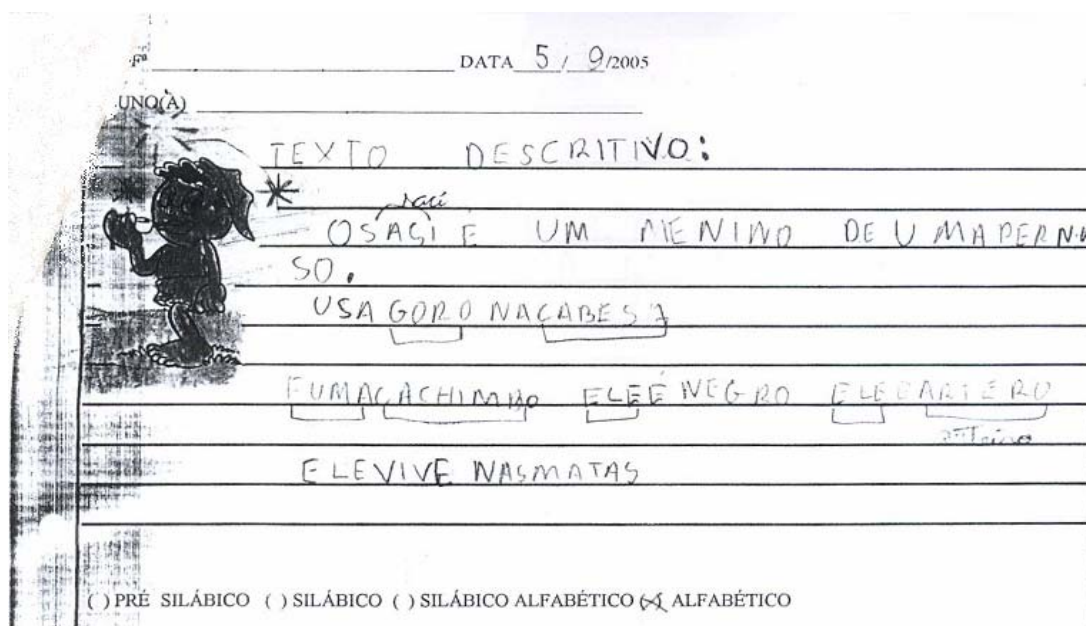
ELÉ É NEGRO

Os trechos acima hipossegmentados, correspondem a duas Frases Entonacionais, a primeira composta pela seqüência das Frases Fonológicas [fuma] Φ e [cachimbo] Φ e a segunda composta pelas Frases Fonológicas [ele é] Φ e [negro] Φ , delimitadas por possíveis pausas na fala (em seu início e seu final). Uma hipótese que podemos levantar para explicar esse exemplo é a de que a criança pode ter baseado sua escrita em

questões rítmicas da oralidade, uma vez que, na fala, é possível dizer todo esse trecho sem realizar nenhuma pausa.

Como parece que a tendência do sujeito é escrever cada enunciado numa única linha (cf. texto original, no seu todo), as estruturas “FUMACACHIMBO” e “ELEÉNEGRO” podem ser interpretadas como frases entonacionais porque, no texto do sujeito, elas estão encadeadas numa mesma linha.

Segue abaixo o texto original:



DATA 5 / 9 / 2005

UNO(A) _____

TEXTO DESCRITIVO:

* ^{base} OSAGI E UM MENINO DE UMA PERNA
SO,
USA GORO NACABES A

FUMACACHIMBO ELEÉ NEGRO ELEBARTERO
ELEVIVE NASMATAS

() PRÉ SILÁBICO () SILÁBICO () SILÁBICO ALFABÉTICO ☒ ALFABÉTICO

Como se vê nos exemplos de hipossegmentações analisados, principalmente os casos envolvendo Frase Fonológica e Enunciado Fonológico permitem mostrar que as crianças são realmente sensíveis a componentes prosódicos da língua, e que parecem refletir sobre esses aspectos no período de aquisição da escrita, o que nos faz supor que nesse momento qualquer processo de reflexão que a criança venha a fazer sobre a sua escrita pode ser despertado pela busca de correspondência entre o que criança traz de história de linguagem, fruto de sua inserção em práticas de oralidade, e o que ela começa aprender na escola, inserindo-se em práticas de letramento de caráter escolar. Portanto, nada do que ela escreve é, do seu ponto de vista, um erro, mas sim produto das experiências que ela traz da sua inserção nessas práticas. Afinal, mesmo antes do início do seu processo de aquisição de escrita, ela se vê nessas práticas e naturalmente mobiliza em seus textos os conhecimentos que traz dessa vivência.

Conclusão

De acordo com os resultados, verificamos um maior percentual de frases fonológicas e de mesclas, e um menor percentual de enunciados fonológicos e de frases entonacionais. O fato de haver, por um lado, um maior percentual de frases fonológicas e de mesclas e, por outro lado, um menor percentual de enunciados fonológicos e frases entonacionais parece indicar que o conjunto de crianças encaminha-se para a percepção da palavra, tal como estabelecida pelas convenções ortográficas de nossa língua. Confirma também essa hipótese o fato de que os limites das estruturas das crianças sempre coincidiram ou com o início ou com o final de uma palavra escrita da língua – o que aponta para um entrecruzamento de critérios de natureza prosódica e critérios de natureza gráfica na composição dessas estruturas.

Embora a ênfase do trabalho seja posta no entrecruzamento de fatos prosódicos e de fatos das convenções ortográficas, na medida em que Φ , I e U contam, em sua constituição, com a contribuição de informações de natureza sintática e semântica, as ocorrências das crianças podem – também – indiciar sua sensibilidade a aspectos desses planos da língua, bem como de relações entre eles e aspectos do plano fonológico (como curvas entonacionais e acento), observado nos exemplos que envolviam Frase Entonacional e Enunciado Fonológico. Desse modo, mesmo a flutuação que se dá na distribuição percentual dos dados parece indiciar um movimento das crianças entre diferentes possibilidades de categorização dos elementos da língua.

Assim, na relação sujeito/língua para a qual os dados parecem apontar, as crianças parecem ser sensíveis a (ou mesmo refletir sobre) características da língua que lhes afetam em razão não apenas de sua inserção em práticas de oralidade, como ainda de sua inserção em práticas de letramento (desenvolvidas ou não em contexto escolar) nas quais se dá a sua atividade de leitura e escrita – o que aponta para o caráter heterogêneo da própria escrita como modalidade de enunciação.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador Lourenço Chacon pela enorme dedicação e por todo o ensinamento e às minhas amigas Daniele Maciel e Luana de Lima por todo o apoio e companheirismo.

Referências

- BISOL, L. Constituintes prosódicos. In: _____. *Introdução a estudos de Fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p.247-261.
- CAPRISTANO, C.C. *A propósito da escrita infantil*: uma reflexão sobre as segmentações não-convencionais. Porto Alegre: Letras de Hoje, 2004. p. 245-260.
- _____. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje* (Revista da PUCRS), v. 39, n. 3, p. 223-232, 2004b.
- _____. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamentos de práticas de oralidade e de letramento. *Estudos Lingüísticos* (Revista do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo), v. 34, p. 77-86, 2005.
- FERREIRO, E., TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- TENANI, L. E. Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, 2004, p. 233-244.

ARTIGO RECEBIDO EM 2007